

Almeida, Maria Antónia Pires de (2002), “Boleteiro”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 291-292. ISBN: 972-774-133-9.

Boleteiro.

Grupo: Outros.

Variantes: Ir ao mato, Ir aos tronchos.

“Assim se classificam os homens que, no tempo próprio, tomam por indústria os assaltos aos montados para furtos importantes de bolota que depois vendem como sua” (Silva Picão, Elvas, 1903). Este aparente malfeitor era geralmente um trabalhador rural ou um maltês que, em períodos de desemprego, apanhava a bolota dos montados quando os respectivos guardas não estavam a ver. Podiam usá-la para a sua própria alimentação ou para venda, assim como fazia com a lenha. Leite de Vasconcelos (1933) também refere as actividades de *Ir ao mato* e *Ir aos tronchos* apanhar lenha, silvas, molhos de carqueja, mato miúdo, vides, cavacos e achas que arrumam em molhos, gabelas ou pilhas.

Este “roubo institucionalizado” é descrito por Cutileiro (1977) como uma necessidade dos trabalhadores alentejanos, ao qual os proprietários fechavam os olhos, ou não, consoante a gravidade das circunstâncias. Autores de várias tendências descrevem estas situações, assim como os incêndios de searas e outras que se incluem na vasta bibliografia sobre a Questão Agrária em Portugal. Mas o mais curioso é o caso de Lino Neto, ele próprio proprietário rural no concelho do Gavião, distrito de Portalegre, que defende o direito ao furto face às injustiças do mundo rural e à falta de assistência pública em Portugal numa obra escrita em 1908: “Emquanto a proporcionação de trabalho para os validos e de assistencia beneficiaria para os invalidos não forem um facto (e não o são ainda infelizmente), o furto deixa de ser um crime para ser um direito”.

Por outro lado, a actividade de *Andar à boleta* era um trabalho eventual dos **Trabalhadores*** rurais, mais frequentemente das mulheres e dos jovens, contratados para apanhar as bolotas que caíam das árvores para ensacar e ser dada aos porcos nas épocas do ano em que não estavam disponíveis nos montados. Até aos anos 60, quando a peste

suína africana dizimou a população suína alentejana e passou a haver porcos apenas em estábulos, a bolota era um dos produtos mais importantes do montado alentejano. Além de alimentar os porcos da vara do proprietário ou renteiro do montado, quando era vendida servia para alimentar o porquinho que todo o habitante de meio rural fazia questão de engordar no quintal. Sempre que o trabalhador rural conseguia juntar algum dinheiro comprava um bacorinho para engordar e matar no final do ano. A sua carne era vendida ou consumida ao longo do ano inteiro, depois de devidamente salgada e temperada. Por este motivo os mealheiros desde o século XIX têm a forma de porco, que se vai enchendo e se parte (ou mata) quando é necessário o dinheiro que lá se meteu.